

**NAPOLEÃO BONAPARTE,
DOM JOÃO VI E OS DIAMANTES BRASILEIROS**

Iran F. Machado¹



Qual a ligação que teve Napoleão com os diamantes brasileiros? Uma forte ligação, muito maior do que o leitor possa imaginar.

Durante vários séculos, Portugal conviveu com uma situação de total fragilidade diante de três nações mais poderosas: a Espanha, sua vizinha, que poderia anexá-lo se assim o desejasse; a França, uma potência terrestre no tempo de Napoleão, avançando por sobre toda a Europa; e a Inglaterra, uma potência naval, com a qual Portugal mantinha laços estreitos por força de sua dependência dos mares e de uma complementaridade perigosa. No dizer de Marquês de Pombal, “Portugal não tem outros inimigos que não sejam os inimigos da Inglaterra.”

¹ Serviço Geológico do Brasil - CPRM

Ao longo de sua história, Portugal se comportou sempre como a ostra, entre o mar e o rochedo. Em certos períodos, quando endividado, Portugal lançou mão das riquezas trazidas de suas colônias para saldar seus compromissos. De início, as colônias africanas e asiáticas. A partir do século XVIII o Brasil apareceu como a tábua de salvação para as crises financeiras de Portugal, com tanto ouro, diamantes, açúcar, algodão, tabaco e uma variedade de outros produtos agrícolas.

Além do poderio econômico e influência política dessas nações, havia outros atores no início do século XIX. Por exemplo, os bancos Barings, na Inglaterra, e Hope, na Holanda, que dominavam as finanças européias na época. Ao fim das guerras napoleônicas, afirmava o Duque de Richelieu (sobrinho-neto do Cardeal Richelieu): “Há seis potências na Europa: Grã-Bretanha, França, Rússia, Áustria, Prússia e os Irmãos Baring.” Para se ter uma dimensão da sua importância, em 1802 os Estados Unidos compraram a Louisiana do Barings e Hope, e não de Napoleão. A transação, realizada com títulos do tesouro americano, atingiu US\$ \$8.831.250 e Napoleão recebeu 87 ½ para cada US\$ 100.

O banco Barings, fundado em 1762, entrou em processo falimentar em 1995, quando um funcionário sediado em Cingapura especulou com contratos futuros, perdendo a bagatela de US\$ 1, 4 bilhão. Triste fim para uma instituição que era o banco mercantil mais antigo da City, o banco particular da Rainha Elizabeth II e que, no passado, tinha financiado as guerras napoleônicas.

O historiador David Rabello, em seu livro “Os diamantes do Brasil na regência de Dom João: um estudo de dependência externa”, cita que Barings e Hope “não eram exclusivamente banqueiros, mas banqueiros-mercadores, afeitos a todo tipo de especulações, com preferência especial para aquelas que pudessem proporcionar maiores e mais fáceis lucros.(...) Já Lord Byron percebera que Rotschild e Barings detinham em suas mãos o equilíbrio do mundo. Governavam por cima dos Congressos, fossem realistas ou liberais. Faziam a política funcionar, sem peias, à sombra de Bonaparte.”

Eis que em 1801 Portugal é induzido a contrair um empréstimo dos bancos Barings e Hope, no valor de 13 milhões de florins para “comprar” a neutralidade e transferir tais recursos para Napoleão, que desde então ameaçava a Casa de Bragança. Esta dívida seria amortizada

em dez anos a partir de 1802 e não seria paga em dinheiro, mas através de remessas regulares e constantes de diamantes de Minas Gerais (leia-se Diamantina). Segundo os historiadores, Napoleão não invadia de imediato o pequeno reino para dar-lhe tempo de arranjar mais fundos e fazer novos pagamentos até a exaustão.

Descendo a detalhes levantados por David Rabello no Tribunal de Contas de Lisboa, durante sua pesquisa, se os diamantes não fossem suficientes para alcançar a soma de 1.300.000 florins por ano, a diferença seria completada com o produto resultante do contrato do tabaco. Os 13 milhões de florins correspondiam, ao câmbio da época, a 4.160:000\$000 rs. Considerando-se o preço médio do quilate (diamante bruto) a 7\$200 rs, seriam necessários 577.777 quilates para cobrir toda a dívida. Calculando-se a produção média das minas do Serro do Frio (atual Diamantina) em 20.000 quilates anuais, seriam necessários quase 30 anos para pagar a dívida. A produção declinante de ouro era tão pequena na época, que se tornou mais viável contar com o contrato do tabaco.

Acrescenta o historiador Rabello: “Ora, quem empresta dinheiro sempre está a cavaleiro da situação; olha de cima. Quem toma dinheiro emprestado, submete-se ao credor; está agachado. Desde o reinado de D. Manuel I, Portugal (o Brasil na esteira) acostumou-se a recorrer à poupança alheia. E as conseqüências nos são conhecidas.”

Mais contundente do que outros autores, Othon Leonardos afirma, na revista Engenharia, Mineração e Metalurgia, vol. XXX, no. 175, de julho de 1959, que “para conseguir a neutralidade de Napoleão, Portugal entrega em 1801 um milhão de cruzados de diamantes (brutos) a Luciano Bonaparte, e depois em 1804, mais outro milhão de cruzados ao marechal Lannes. Mas nada disto impede que as tropas de Fouché invadam Portugal, o que obriga o príncipe regente D. João a fugir para o Brasil.”

Luciano Bonaparte era o irmão caçula de Napoleão e, anos mais tarde, recusou a porção central de Portugal que lhe caberia quando o país fosse ocupado. Achava Luciano que mereceria um território mais lucrativo (sic). O marechal Lannes era um dos mais conceituados comandantes de Napoleão, tendo sido embaixador em Portugal e demonstrado atuação decisiva na famosa batalha de Austerlitz, na atual

República Tcheca, bem como em outras batalhas travadas no continente europeu.

Infelizmente, Leonardos não cita a fonte responsável pela afirmação sobre as duas tentativas realizadas por Portugal para dissuadir Napoleão da invasão desse pequeno país. Mas Leonardos era um pesquisador metódico, tendo publicado em sua revista diversos artigos sobre a influência de meia dúzia de países europeus na evolução dos conhecimentos geológicos do Brasil.

Um dos episódios mais ilustrativos do poder de intimidação de Napoleão ocorreu na Suécia. Em 1810, esse país era tão frágil quanto Portugal do ponto de vista militar e estava sendo ameaçado tanto pela Rússia, quanto pela França. Nesta época, alguns prisioneiros suecos que estavam cumprindo pena devido a uma guerra recente com a Dinamarca, receberam um tratamento muito amistoso da parte do Marechal Bernadotte, um dos mais prestigiados comandantes de Napoleão. Buscando escapar das garras de Bonaparte, em suas constantes incursões pelos países europeus, alguns nobres suecos lançaram a candidatura do Marechal Bernadotte para suceder ao rei Karl XIII, então no poder. O movimento cresceu e, finalmente em 1818, com a morte do rei, o Marechal Bernadotte foi coroado rei da Suécia e Noruega com o nome de Karl XIV Johan, reinando até o ano de 1844, quando faleceu. O atual rei da Suécia, Karl XVI Gustaf, pertence à dinastia do Marechal Bernadotte.

Em pleno 2008, por conta das comemorações dos 200 anos da chegada da família real ao Brasil, é oportuno rememorar fatos da história da mineração que a poeira do tempo levou.

Nota: Um cruzado era originalmente uma moeda de ouro que valia 400 réis; foi cunhado pela primeira vez em 1452, com ouro de procedência africana.